

Não mostre esta carta, que poderia ser mal interpretada

Patrícia da Silva Cardoso

No penúltimo capítulo de *O amanuense Belmiro* (1937) o protagonista do romance de estreia de Cyro dos Anjos registra um sonho em que entram três poetas: o irônico, o místico e o sem nome. O primeiro deles passa a mão pelos cabelos de Belmiro e fala: “Mundo mundo, vasto mundo/ se eu me chamasse Raimundo/seria uma rima, não seria uma solução”. O segundo, “com uma voz velada”, diz: “— Senhor, são os remos ou são as ondas o que dirige o meu barco? Eu tenho as mãos cansadas/ e o barco voa dentro da noite”. Em seguida, o poeta sem nome, “saltitante”, pronuncia-se: “Pirulito que bate, bate/ Pirulito que já bateu/ Quem gosta de mim é ela/ Quem gosta dela sou eu...”. Por fim, os três juntos, de braços dados, entoam em uníssono: “Mundo mundo, vasto mundo,/ mais vasto é meu coração”. A evocação desta cena vem a propósito da leitura da correspondência entre Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade (*Cyro & Drummond. Correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*, org. Wander Melo Miranda e Roberto Said, ed. Globo), que se estendeu de 1930 a 1986, constituindo um conjunto que contribui para aprofundar a reflexão sobre o estatuto do intelectual em um período importante da história brasileira.

Na cena aqui evocada evidencia-se a presença de Drummond no quadro de interlocuções de Cyro, que, neste momento final da narrativa, faz uso do poema de abertura do primeiro livro de Carlos, seu companheiro — e compadre —, para aprofundar a angústia e a melancolia que envolvem seu personagem, às voltas, entre outros problemas, com a dificuldade em manter seu círculo de amizades num contexto de polarizações ideológicas que tendem a colocá-las em risco. O sonho de Belmiro é sugestivo das linhas de força em ação sobre uma parcela considerável da intelectualidade brasileira entre meados e final dos anos 1930: certo distanciamento crítico (pelo qual responde o poeta irônico), contrastado por uma aspiração espiritualista (expressa pelo poeta místico, cuja voz corresponde à de Emílio Moura, igualmente companheiro de geração de Cyro), a densidade de ambos sendo ameaçada de dissolução pela alienação lúdica do poeta sem nome. Essas são algumas das opções que se vão apresentando e embaralhando diante de um Belmiro que se recusa a fazer uma escolha, a tomar o partido da direita ou da esquerda, do espírito ou da matéria, em parte por desconfiar das soluções por elas oferecidas, em parte por temer contribuir, com sua adesão, para o esfacelamento definitivo de seu grupo de amigos.

O mesmo apreço pela amizade da juventude dará o tom da correspondência

mantida entre os dois escritores mineiros. A esse propósito, é especialmente interessante acompanhar a troca de cartas nos anos que precedem a publicação de *O amanuense*, ao longo do período de elaboração deste romance, pois se pode estabelecer uma imagem especular entre os registros epistolares e a atmosfera que se cria no texto ficcional. Já em 1932 vemos Cyro encarando a saudade provocada pela distância geográfica que o separa do companheiro Carlos — “O que sempre há a lamentar é a ausência dos amigos, que são poucos, mas são múltiplos e numerosos como você”. A distância geográfica como fator de saudade aos poucos faz-se acompanhar por um elemento muito mais poderoso quando o assunto é um pequeno círculo de amigos que se preza e se quer proteger da dissolução a todo custo. Trata-se da distância entre perspectivas, entre pontos de vista, que se vai pronunciando à medida que as tensões político-ideológicas se intensificam.

Nesse campo, se por um lado os dois amigos partilham o ceticismo quanto à efetiva possibilidade de transformação das condições sociais, afastam-se quando o assunto é o tipo de atitude a ser assumida num contexto que exige uma clara tomada de posição da intelectualidade. Para Cyro, não há o que fazer e, portanto, a saída é seguir sem propriamente tentar interferir, sem assumir uma posição combativa. É o que lemos na carta de 12 de julho de 1935, em que se registra a conclusão acerca de sua falta de fé.

Falta de fé política, fé religiosa e fé filosófica. Verifiquei que, decididamente, não acredito em nada e que será vão qualquer esforço para acreditar. Se, por um lado, sinto, como você, toda a pressão espiritual e sentimental dos problemas da época, por outro lado, falta-me fé na solução dos mesmos. [...] É muito provável que, por um determinismo histórico, sejam inevitáveis as revoluções e o tremendo sacrifício de uma, duas ou três gerações. Assistirei a isso como quem assiste a um terremoto [...]. Uma razão fria me impede de tomar parte nos acontecimentos e me impõe a atitude antipática de espectador.

Nessa longa carta a dolorosa confissão faz-se acompanhar de um exercício argumentativo cuja intenção é colocar a salvo a amizade, provando a Drummond que as diferenças de atitude de forma alguma comprometem o vínculo:

Você perdoará a extensão da carta. É que sinto a necessidade absoluta de explicar-me perante você, o amigo a quem mais me sinto ligado na vida. [...] Insisto em dizer que não há divergência de sentimentos entre mim e você. A diferença talvez consista em que você, homem de mais ação espiritual e de maior força de sentimentos, pôde dominar a incredulidade, em favor dos impulsos do coração. [...] Tudo isso vai dito com a maior

pureza de espírito e coração e eu o digo para preservar a nossa amizade da ação, lentamente destruidora, de uma desinteligência de rumos.

Estas são palavras que mais tarde ecoarão nas páginas de *O amanuense*. Entretanto, Belmiro não terá a mesma sorte do autor, sendo levado, por sua paralisia, ao fracasso de seu plano de contemporização das diferenças de perspectiva entre ele e os amigos. Uma das grandezas do romance é justamente o modo como Cyro dos Anjos elabora o processo de isolamento do protagonista e, neste sentido, é instigante poder acompanhar a transfiguração do dado biográfico em matéria ficcional, através do paralelo entre o registro epistolar e o texto romanescos.

Por sua vez, Drummond reivindica a necessidade de expor-se o descontentamento, o repúdio a um estado de coisas com o qual não se concorda. Pouco mais de um ano depois, o assunto relacionado às divergências irá ocupá-lo seriamente. A propósito de um artigo de Cyro sobre o lançamento do livro de poemas *Canto da hora amarga*, exatamente de Emílio Moura, ele registrará seu desapontamento com a recepção dada pelo romancista ao livro, em carta de 17 de novembro de 1936:

Li seu artigo sobre o vate Emílio e teria muita coisa a dizer sobre ele. Mas... um dia conversaremos. Estou convencido de que o poeta não pode se alhear do espetáculo do mundo e que também ele tem uma missão social a cumprir no momento. [...] E, por outro lado, reconhecendo como você a falência da literatura bolchevista, acredito entretanto na possibilidade de uma mensagem poética que contribua para a solução dos conflitos humanos da nossa época. Vale a pena trabalhar nesse sentido. Mas o seu artigo nega tudo! Fiquei um pouco triste, mas tenho fé em que havemos de voltar a nos entender nesse particular.

“Mas... um dia conversaremos”, as reticências sublinham o desacordo, numa frase muito sugestiva do empenho de Drummond para evitar uma situação de franco conflito, eventualmente irreversível.

Esta diferença de perspectivas dará o tom das cartas, principalmente do lado de Cyro, em seu esforço constante para evitar o embate, pois, como bem indica este registro de novembro de 1936, o argumento de que havia lançado mão um ano antes — de que não se encontrava à direita, ideologicamente falando, e sim à margem — era consideravelmente frágil. Mudam-se os tempos, mas a tensão velada permanece, em parte devida à nova conjuntura política. Constante no seu cuidado, em carta de 5 de março de 1955, ele se pergunta: “Mas, a troco de que estou dizendo isto ao Compadre, com o risco de chateá-lo ou de exprimir opinião divergente da sua?”

A este cuidado do romancista para não pôr a perder a amizade, soma-se um enorme respeito pela obra de Carlos, que aquela presença em seu primeiro romance já indicava. Ao longo dos anos, cada nova obra do poeta será motivo para o romancista manifestar efusivamente seu apreço e sua admiração, sem descuidar, obviamente, da preocupação de chatear o compadre, avesso a expansividades. Em função dessa natureza é que do outro lado vemos um interlocutor menos assíduo e muito menos “falante”, sem contudo deixar de lado o exercício de uma curiosa maledicência, quase surpreendente, quando se considera o retraimento, tornado marca registrada de Drummond. Instigando o amigo a finalizar *O amanuense*, ele dirá, em carta de 4 de agosto de 1936:

A mim não me satisfaz nem a transcrição imediata e anticrítica de aspectos de uma vida regional, como fazem os rapazes do Norte (entre parênteses: como escrevem mal!), nem essa literatura “restaurada em Cristo” com que nos aporrinham os pequeninos gênios marca Lúcio Cardoso. Tudo isso é literariamente bem insignificante e, acredito, não resistirá ao tempo.

Esta é, enfim, uma ligação peculiar, principalmente em tempos como os de hoje, de superexposição da intimidade, pois, da mesma forma que os laços que os unem são inegáveis, a esfera íntima de suas vidas parece ser algo nunca completamente tocado — ou revelado — por esses camaradas. Há o pudor de nunca dizer-se demais, seja em função das circunstâncias do contexto político, no qual direta ou indiretamente ambos estiveram envolvidos, seja pela preocupação de não chatear (termo muito usado por ambos) o outro com a expressão das angústias e expectativas relacionadas ao cotidiano. No limite, são dois homens públicos ciosos da necessidade de manterem uma certa imagem, de resguardarem-se de registrar alguma palavra comprometedora, tanto no âmbito pessoal quanto social, o que dá ao leitor a sensação de que algo esteja sendo deixado de fora.

A situação real é esta: um exercício de cautela, de não se dizer quase nada mas explicar-se muito. Difícil, principalmente porque não permite aos envolvidos uma explicitação do custo de tamanho esforço. Em função disso, mais uma vez, o paralelo com *O amanuense* revela-se importante, já que apenas nesse plano ficcional será possível esmiuçar, aprofundando-o, o desgaste psicológico que representa a luta para se ter um interlocutor a quem, entretanto, não se poderá dizer tudo. A julgar por este paralelo, no vasto mundo não há lugar para um coração vasto.

Patrícia da Silva Cardoso é professora de literatura na Universidade Federal do Paraná.